

Territórios, Gerações & Cultura: (Des)Continuidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

*Territories, Generations & Culture: (Dis)Continuity of Gender Expressions among
Lesbians*

Flavia Fernandes Carvalhaes

Faculdade Pitágoras de Londrina
carvalhaes1@yahoo.com.br

Marcio Alessandro Neman do Nascimento

Universidade Estadual de Londrina
marcioneman@gmail.com

Marli Machado Lima

Faculdade Pitágoras de Londrina
ml.marli@gmail.com

Livia Gonsalves Toledo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
liviagtoledo@gmail.com

Roberta Duarte Manhas

profissional autônomo
duartemanhas@gmail.com

William Siqueira Peres

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
pereswilliam@gmail.com

Resumo

Propomos, com este artigo, articular as maneiras como mulheres, que se autodenominam lésbicas, vivenciam e consideram as masculinidades e as feminilidades. Os discursos foram colhidos por meio de entrevistas semi-dirigidas, realizadas com dez mulheres em idades variadas, residentes em municípios do interior paulista e paranaense. Buscou-se referencial teórico em autores pós-estruturalistas que abordam a construção social dos gêneros e dos sexos como categoria de análise, necessário para reflexão dos processos de subjetivação que estão permeados pelas materialidades e transitoriedades inerentes aos contextos sociais, históricos, culturais, políticos e territoriais.

Palavras-chave: Lesbianidade. Gênero. Masculinidade. Feminilidade.

Abstract

Our propose in this article is to articulate the ways how women that call themselves lesbians, live and consider the masculinities and the femininities. The discourses were obtained through semi-structured interviews with ten women from different ages, who live in different towns in São Paulo and Paraná states. Theoretical references were sought in post-structuralists authors who approach the social construction of gender and sexes as category analysis, necessary for the reflection of the subjectivity processes that are permeated by materiality and transitoriness that are inherent to social, historical, cultural, political and territorial contexts.

Keywords: Lesbianity. Gender, Masculinity, Femininity.

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

Este artigo visa problematizar questões inerentes aos gêneros e aos sexos no cenário contemporâneo, apreciando as implicações das categorias homem/mulher e feminino/masculino, dos discursos de mulheres que vivenciam as lesbianidades¹ sobre o corpo, papéis sociais, família e conjugalidades. Ou seja, como as construções das masculinidades e das feminilidades produzem subjetividades e são incorporadas em seus modos de ver, pensar e agir e em suas vivências sociais e particulares, assim, em seus modos de subjetivação.

Pode-se considerar que a população escolhida para o estudo apresenta, historicamente, uma sexualidade de extrema invisibilidade, pois podemos considerar que a sexualidade em nossa cultura é falocêntrica, peniana, penetrativa, masculina e duas mulheres em um relacionamento não estariam fazendo nada, considerado verdadeiro ato sexual, até que um homem tenha participação (TOLEDO, 2008). Além dessa invisibilidade, à lésbica se atribui duas categorias estigmatizadas em nosso contexto social: ser mulher e ser homossexual. Primeiro, a categoria mulher carrega o peso e as marcas de uma sociedade machista, androcêntrica e viril. Segundo, por sua orientação sexual homossexual, é estigmatizada pela heteronormatividade. Na tentativa de delinear e analisar práticas discursivas, sobre lesbianidades, entrevistamos dez mulheres lésbicas com idade entre 20 e 45 anos, que vivem em municípios interioranos de Estados diferentes, entretanto, localizados em uma região geográfica próxima.

O recorte inter-geracional se deu para que fosse possível comparar as diferenças e semelhanças dos modos de subjetivação entre mulheres que vivenciaram suas experiências homoeróticas em contextos históricos e sociais diferenciados. Assim, são apresentados no texto os relatos das mulheres com idade entre 35 e 45 anos, cuja trajetória de vida foi, de alguma forma, marcada pelas transformações de cunho político, pela emergência dos movimentos sociais (feminista, homossexual, liberação sexual, negro) e pelo advento da AIDS. Tais acontecimentos tiveram maior visibilidade nas metrópoles, mas, embora não chegassem aos municípios interioranos de forma direta e clara, são elementos que, dada a sua expressividade e potencial mobilizador, podem ser considerados como aspectos que possibilitaram a reflexão de acontecimentos passados ou ainda ferramentas para repensar as condições atuais. Em contrapartida estão os relatos das jovens lésbicas, que apresentaram possibilidades de viabilização e construção de processos identitários marcados pela orientação sexual, como evidenciado, no Brasil, pelo movimento social LGBT² (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e

transexuais) atual. Ainda, complementa-se que, a extensão territorial do Brasil, e a discrepância entre as diferentes realidades sociais e econômicas de regiões e lugares do país, o que nos faz lembrar que há ainda uma multiplicidade de vivências e olhares que não serão contempladas pelas entrevistas³.

Nos estudos culturais e de gênero, as territorialidades podem ser compreendidas como um dos marcadores sociais que, em interface com outras categorias de análise, também produzem subjetividades. Segundo Raffestin (1993) e Souza (1995), o território, enquanto espaço demarcado, estabelece redes de sociabilidades, relações de poder instituídas culturalmente e práticas sociais históricas. No caso específico dos territórios de municípios interioranos, as relações de poder apresentados sob a forma de práticas discursivas podem ser apresentadas de modo mais interdutivo, disciplinador e controlador, permeando estilos de vida e práticas cotidianas de seus habitantes.

Desse modo, esse estudo teve como propósito produzir e veicular ideias que possam colaborar para a (des) construção dos signos que associam as homossexualidades femininas a qualquer tipo de patologia, assim como, também contribuir para a produção de reconhecimento e legitimidade a essas formas de existência. Sobretudo, a proposta deste artigo é apresentar os discursos destas mulheres, discutindo os pontos onde compactuam com os discursos normatizadores e os pontos onde conseguem rompê-los.

Paradigmas em Crise

Estamos vivendo o fim do que eu chamaria de modelo europeu de modernização, que trata, como você sabe, de criar e enfatizar polos de contradição: o moderno e o não moderno, a inteligência e o sentimento, homens e mulheres, público e privado, [...]. Mas recentemente, ou seja, nos últimos 150 anos, estamos esforçando-nos na transformação da nossa imagem de mundo, reintegrando e combinando categorias que mantínhamos em oposição. [...] de tal maneira que o que está em jogo no movimento de mulheres é a possibilidade e a necessidade de pôr fim a esse sistema polarizado, no campo das relações de gênero. [...] o papel das mulheres não seria tanto o de transformar ou de substituir o feminino com o masculino, mas de superar, quer dizer, recriar a unidade entre os polos que se criaram como opostos (ADELMAN,

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

2004, p. 170).

A partir da fala da autora, focalizamos aqui, a transição histórica das formas de se pensar os gêneros no mundo ocidental. É inegável que sempre houve uma diferença marcada por uma rígida separação e atribuição de papéis entre os sexos, os gêneros, as identidades e os desejos, os quais são pautados no binarismo, além de destacar nitidamente a desigualdade. É o sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais que Butler (2003) aponta como norteador das relações humanas e tido como norma dentro de uma matriz heterossexual. Neste sentido, as relações são demarcadas por meio dos rótulos binários: macho ou fêmea, masculino ou feminino, homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, estabelecendo normas para as relações que seriam propagadas como saudáveis e produtivas (FOUCAULT, 1988).

As classificações destinadas para as diversas expressões das sexualidades humanas foram utilizadas com objetivo primordial de organizar as sociedades, por meio dos códigos sociais e morais implantados conforme os interesses de cada cultura. Essa perspectiva se manifesta por meio de relações construídas historicamente num sistema de poder androcêntrico, machista, heteronormativo, viril e binarizado, marcado por práxis institucionais tais como a religião cristã, a família, as pedagogias e as ciências do corpo e da mente. E é exatamente por essas formas de existência serem construções, e não essências imutáveis, que buscamos aqui olhar para essas práxis e essas classificações de forma crítica. Assim como ressalta Louro (1997, p. 21):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constrói sobre os sexos.

A partir do século XVIII, práticas e teorias passaram a exercer o controle das sociedades por meio de disciplinas, as quais, através de sua função restritiva e coercitiva, exerceram o papel positivo e multiplicador veiculando, estrategicamente, rituais, tradições e atributos em nome da saúde, felicidade e produtividade, ou seja, valores burgueses e capitalistas

que através do dispositivo da sexualidade⁴ reificam o sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais.

Butler (1993) lembra que o corpo não é uma substância que está à espera de atributos como os gêneros ou os sexos. Esses são construções sociais que são incorporados pelos corpos e é a repetição exaustiva de discursos reguladores e referências (preexistentes ao sujeito) que lhe dizem o que ele é ou deixa de ser. Antes do gênero e do sexo, existe um discurso que determina a inscrição desses no corpo. Sendo assim, a identidade de gênero não é mero atributo estático e cristalizado, sendo um processo em construção permanente. Nem tudo é biológico, ou só psicológico ou só social, mas um entrelaçamento de uma multiplicidade de fatores, fazendo então dos gêneros, das categorias homem e mulher, duas formas, dentre várias possíveis, de produção performativa.

Neste sentido, são considerados desviantes todos os sujeitos que não se encaixam nas tríades homem-masculino-heterossexual e no seu complemento mulher-feminina-heterossexual. Assim, mulheres masculinizadas, homens afeminados, gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros ocupam o lugar dos corpos que carregam o peso dos significantes que dão sentido às suas existências, os quais rigidamente articulados representam as suas identidades, assim como ressalta Silva (1999):

[...] a identidade de gênero e sexual, sugere um destino sem escolha ou renúncia, imposto e cobrado direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, estabelecendo o poder normativo da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres. Na lógica classificatória das identidades de gênero e sexual em nossa cultura burguesa, capitalista, ocidental e patriarcalista, é sobretudo a heterossexualidade que ocupa, em ambos os sexos, o lugar de representante de sua essência identitária (SILVA, 1999, p. 72-73).

Entretanto, no contexto das identidades de gênero e sexuais, as categorias Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Homem, Mulher, Masculino (a), Feminina (o), apresentam-se muito reduzidas enquanto figuras representativas. Afinal, o que é ser homem? O que é ser mulher? O que é masculino? O que é feminino? O que é ser lésbica?

O ser humano parece encontrar sustentação e apoio em uma das suas capacidades mais singulares e importantes, capaz de distingui-lo dos outros seres vivos para utilizá-la, justamente, em prol daquilo que

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

viria limitar os seus próprios fluxos de autonomia e diversidade. Falamos aqui, sobretudo, das formações discursivas, as quais estão localizadas entre os pensamentos e as palavras e utilizam os signos e a arbitrariedade da língua na produção dos sentidos. No entanto, esta ambiguidade é inerente a toda e qualquer formação discursiva, pois contém nela mesma a materialidade e a transitoriedade da coisa pronunciada, como bem demonstra Foucault, ao tecer um diálogo entre o desejo e a instituição:

O desejo diz: Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e discursivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma, eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz. E a instituição responde: Você não tem por que temer começar; estamos todo aí para lhes mostrar que o discurso está na ordem das leis; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós que lhe advém (FOUCAULT, 1971, p. 7).

'Nem Toda Brasileira é Bunda, Meu Peito Não é de Silicone, Sou Mais Macho que Muito Homem'¹⁵: Construindo o Masculino e o Feminino

Mesmo diante da persistência das estratégias de saber e poder na tentativa de se fundar uma verdade absoluta, por meio dos sistemas de separação e exclusão, podemos aludir que as formações discursivas jamais encontrarão lugar fixo nos jogos e manipulações discursivas. Ou seja, elas estão em perpétuo deslocamento, mesmo quando se fala de entidades tão bem asseguradas e instituídas ao longo dos tempos, tais como os sexos (separados em macho e fêmea), os gêneros (separados em masculino e feminino), as identidades sexuais (separados em homem e mulher) e os desejos (separados em hétero, homo e bissexual). Neste sentido, uma das entrevistadas nos diz:

Eu acho que as pessoas sempre olham tentando fazer essa separação, que para mim não é uma separação possível porque

não existe isso na minha relação, alguém tem o papel de homem e o outro de mulher. Existem pessoas que tem características masculinas e femininas, e assim é. Isso não quer dizer um contraditório, apenas um jeito de ser que é diferente daquele que é determinado. Agora eu acho que existe alguns homossexuais que tentam se encaixar nesses papéis, inclusive do ponto de vista estético, ou do ponto de vista do comportamento que acham que tem que parecer com homem, eu acho que não tem nada haver, eu acho que as pessoas estão presas às determinações (Joana, 35 anos).

Este aspecto tornou-se evidente, neste trabalho, na medida em que as entrevistadas focaram em seus enunciados, o modo como as masculinidades e as feminilidades apontam a transitoriedade e a materialidade. Sendo assim, os discursos ora foram questionadores, ora passivos e normatizados, ou, ainda, mais livres, tal como o posicionamento *queer*⁶, transitórios/descontínuos, rompendo com a lógica binária tão enrijecida.

Temos, então, alguns discursos cristalizados que concebem os gêneros como naturalmente diferentes, reconfigurando hierarquias de poder e papéis sociais, sexuais, e amorosos entre machos e fêmeas. Ou seja, não levam em conta que homens e mulheres são diferentes porque são produzidos para o serem. A sensibilidade, o cuidado, a delicadeza, o detalhismo são social e historicamente embutidos como atributos dos sujeitos nascidos com o corpo biológico fêmea, produzindo-os com características de feminilidade, o que o fará ser reconhecido como uma mulher. Do mesmo modo, ocorre com as características masculinas em relação àqueles corpos nascidos com o sexo biológico masculino. A partir disso, homens e mulheres são posicionados no contexto social de forma oposta e com específicas características, o que se revela nos discursos de algumas entrevistadas: “A mulher sempre pensa por que é que ela quer o azul, ela até pode ser prática e rápida, mas acho que a mulher pensa a cor, o tamanho, a função, sei lá, acho que as mulheres têm a parte da sensibilidade acentuada” (Ana, 44 anos). Ou ainda, reiterado na fala seguinte:

Um homem? Ah, um homem? Ah, é um ser diferente da mulher. O homem pensa diferente de mulher. Homem enxerga coisas diferentes. Né? Tipo, mulher se prende muito a detalhes, homem é mais difícil. A sensibilidade de um homem para uma

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

mulher é diferente do que de mulher para mulher. Para mim, o cheiro do homem é diferente. Tudo. (Frida, 22 anos)

Contudo, um aspecto que se observou no discurso de algumas entrevistadas foi, aparentemente, a desnaturalização destas referências binárias de gênero. As lésbicas entrevistadas, muitas vezes, transitam em alguns campos e territórios que foram considerados durante séculos (e são ainda hoje em muitos lugares) proibidos para mulher.

Antes eu tinha um certo preconceito em relação a mulheres masculinas, então eu sempre paquerei mulheres femininas [...] Eu gostava muito de mulheres assim, senão eu ficaria com homem, mas não é bem assim. No final do ano passado eu conheci uma mulher extremamente masculina, uma DJ, descolada, e foi brilhante, eu quebrei um pouco esse preconceito foi muito bacana, foi uma pessoa super especial, muito legal, linda, linda e pelo fato de ela ser masculina ou feminina isso não difere. Eu gosto é de mulher, tanto masculina quanto feminina. (Beatriz, 22 anos)

Assim, descola-se a masculinidade do corpo biológico macho, podendo ser uma performatização realizada por qualquer corpo. Outros exemplos das contradições presentes nas falas e posicionamentos das mulheres entrevistadas podem ser encontrados nas considerações sobre o conceito de virilidade. Ao longo da história, a virilidade sempre foi entendida como um atributo dos homens, pois através de sua força física, atividade, superioridade intelectual e religiosa, potencialidade para frequentar espaços públicos, condições de lidar com as questões práticas, o macho foi sendo associado a imagens de sexo forte e racional, e a fêmea associada a imagens de fragilidade, passividade e sensibilidade. Assim como apontam as seguintes falas: “Homem para mim tem a ver com uma questão de força, virilidade, eu sempre penso bastante no homem como o cavalo né (risos), o garanhão, uma coisa viril, de presença, de força, de músculo” (Alessandra, 38 anos).

As experiências presentes no mundo contemporâneo e as mudanças relacionadas às transformações sócio-históricas, culturais, sexuais e de gêneros, desse período, vêm possibilitando alterações na rigidez dos papéis sociais estabelecidos. As falas seguintes, refletem esse momento de transição, em que perspectivas críticas, em relação às características ditas masculinas e femininas, possibilitam novos

agenciamentos nas produções desejantes e nos processos de subjetivação.

Quanto às mulheres masculinas quando a gente fala que uma mulher é masculina é a que traz traços masculinos que tem uns jeitos mais grosseiros, não é grosseiro (silêncio). Uma maneira de se vestir, certas atitudes. (Quais atitudes?) [...] Talvez um pouco mais inconsequente, impulsiva, mais firme, não sei (Beatriz, 22 anos).

Eu acho que dentro dos padrões estabelecidos, as mulheres devem ser frágeis, devem ter um ar de quase quebráveis. Eu não tenho isso. Pelo contrário, eu tenho algumas atribuições que, não do ponto de vista estético, mas do ponto de vista de comportamento ou de atitude, seria atribuído aos homens. Por isso que eu me acho uma mulher viril (Joana, 35 anos).

'O Pulso Ainda Pulsa, e o Corpo Ainda é Pouco': Corporeidade e Sexualidade

De acordo com Foucault (1988) ao percorrer a história da civilização ocidental, percebe-se que os apontamentos relacionados ao corpo e ao comportamento sexual são permeados por produções discursivas construídas em contextos históricos, políticos e religiosos específicos, sendo atravessadas por questões socioeconômicas, culturais, étnicas, geracionais, de raça e gênero, pautadas sempre na supremacia masculina. Essas concepções, acerca dos corpos, dadas às características machistas e androcêntricas, legitimavam o estabelecimento de características e possibilidades distintas entre machos e fêmeas – sendo considerados os representantes da atividade e passividade sexual, respectivamente. De acordo com Foucault (1988, p. 32), “[...] é na modernidade que a sociedade afirma que seu futuro e sua riqueza estão ligados às regras de casamento e à organização familiar, bem como à maneira como cada qual usa seu sexo”.

A distinção dos discursos para homens e mulheres com relação ao prazer, marcou profundamente os corpos e desejos na sociedade moderna. Logicamente, a repressão do desejo às fêmeas e o incitamento ao prazer aos machos já era um discurso empreendido pelo cristianismo em épocas passadas. Contudo, na modernidade esse discurso se transveste em uma pretensa cientificidade natural (FOUCAULT, 1988). Essa imagem é exemplificada na fala das

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

entrevistadas, que também denuncia a exigência social da demonstração pública de uma hipersexualidade nos homens, enquanto as mulheres, mesmo tendo desejos sexuais legítimos, não o podem demonstrar:

O homem para ser homem, na sociedade, tem que ter essa parte sexual como um animal, ele tem que ser um devorador, para ele não interessa com quem, é como diz um amigo meu né: - Bateu o pé no meio fio e fez sombrinha ta valendo. (Como assim?) Fez sombra quer dizer que já está na idade, entendeu? Então já é maiorzinho de idade, então já pode comer todas, comer quem quiser, já pode mandar ver entendeu? (Alessandra, 38 anos).

Homem sempre quer sexo, acho que essa sensibilidade de perceber se a pessoa está a fim ou não, o homem não tem. Acho que a gente não passa perto de um grupo de homens e pensa: Ai eu quero dar para todos, bater o olho e já automaticamente pensar em sexo, embora eu ache que se você ver um homem gostoso na rua, você tem vontade de transar com ele. (Ana, 44 anos)

Contemporaneamente, o discurso de algumas entrevistadas, contudo, potencializam o lugar das mulheres como também de atividade sexual:

O que é ser uma lésbica? (risos). Ah, primeiro eu acho que é você trepar e fazer amor com quem você é a fim. É você ser mulher e ter o direito de fazer sexo com outra mulher, quer dizer, sexo e o que mais você quiser fazer. Enfim, acho que é você se relacionar com outra mulher além de uma amizade, acho que ser lésbica tem a ver com viver com prazer (Ana, 44 anos).

Percebe-se, nas últimas décadas, a transitoriedade dos conceitos e práticas com relação à proibição do prazer e do desejo, à associação do corpo da mulher aos desígnios da maternidade. Porém, como aponta Foucault (1988, p.91), “onde há poder, há resistências”, e, nesse sentido, as falas das entrevistadas apontam a lesbianidade como uma possibilidade de vivenciar de forma legítima o direito ao prazer: “Achava que ele [o homem] era mais safado, que era mais independente que a mulher. Hoje eu vejo que não. Acho que são muito parecidos. Que o que vai determinar as características dele é a vivência dele, a cultura dele” (Beatriz, 22 anos).

Eu lembro muito que, bem nova, uns doze anos, eu tinha visto um show da Madonna que é aquele de quando ela tinha vindo pro show no Brasil, que ela se esfrega numa mulher e ameaça beijar e tal. Eu achei aquilo uma loucura! Eu falei: Que tudo! Ah, queria ser essa mulher!. Nossa, arrastei um caminhão (Elisa, 22 anos).

'Família! Família! Janta Junto Todo Dia, Nunca Perde Esta Mania': Sobre as Conjugalidades e a Maternidade

No Século XIX, a partir dos parâmetros disciplinares e reguladores estabelecidos pelo biopoder (FOUCAULT, 1988), a reprodutividade é instaurada enquanto norma e se ergue como uma regra moral da família, valorizando o casamento e a união monogâmica (com função de manter a legitimidade dos herdeiros das famílias). A estratégia era restringir os comportamentos públicos aos padrões de vida privada, com os imperativos da reprodução e com um intenso controle e policiamento das sexualidades não conjugal e não heterossexual.

A homossexualidade surge, nesse momento, enquanto uma categoria científica, na tentativa de se estabelecer uma norma que definisse a heterossexualidade enquanto uma verdade sobre o corpo, e a homossexualidade como uma anormalidade, uma patologia que colocava em risco o imperativo de reprodução da população⁹.

Assim, caberia às mulheres, devido as suas possibilidades naturais, o destino da reprodução da espécie, sendo a disponibilidade para gerar um filho concebida como instintiva, uma potencialidade da fêmea e um imperativo para a mulher. Através de uma finalidade expressa nas disponibilidades naturais é que a mulher estaria inscrita no campo social e da moral aos desígnios da maternidade. Assim, como demonstra a fala a seguir: “[A minha mãe fala] que eu nunca poderei ter filhos. Como vou ter filho sendo lésbica?. Que se eu tiver um filho ela toma ele de mim e não vai deixar eu criar um filho, uma relação com um filho, que isso é inadmissível” (Beatriz, 22 anos).

Filho tem a ver com a mulher, tem a ver completamente, e acho que isso independente da sua orientação sexual. Acho que todas as mulheres pensam sobre isso muito e sempre. Até a hora que vai decidir se vai ter ou não. Então, eu acho que essa é uma questão intrínseca da

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

mulher. Toda mulher pensa. Eu conheço pouquíssimos casos de mulheres que não querem ter filhos, mas, na maioria, todas as mulheres pensam sim. Pensam no seu papel de mãe, sobretudo nessa possibilidade, né? Você nasceu mulher e tem essa possibilidade, você tem isso, então você pode fazer uso disso, ou não (Ana, 44 anos).

Meu sonho. Por enquanto que eu não posso ter, mas quando eu achar a pessoa da minha vida, a primeira coisa que eu vou fazer é chamar meu pai e minha mãe, que são as duas pessoas que eu devo explicação da minha vida, que até hoje me bancam. Vou falar: Ó pai, é isso, ó mãe, é isso. Só para os dois, e depois se eu tiver com ela, certinho, é adotar uma criança. A criança teria duas mães (Thalita, 21 anos).

Além da questão da maternidade e restrição a espaços privados, estar associada à figura da mulher, percebe-se, em contrapartida, a ideia do papel do homem relacionado à função de provedor e pertencente a espaços públicos. Essa dicotomia se apresenta nas falas das entrevistadas. Alessandra diz que a mulher que dá conta das tarefas domésticas é uma fortaleza. Podemos considerar que essa é uma estratégia do biopoder, em manter os sujeitos em seus respectivos lugares – valorizando-os quando acertam.

Mulher é aquela que vai na roça, anda dez quilômetros para levar a comida para o João que está lá carpindo, ela cuida dos filhos, ela leva os filhos na escola, ela, ela toma conta de trabalhar, conta de cuidar do marido, conta de cuidar do filho, ela arruma a casa, pensa na decoração, ela pensa na roupa que o João vai jogar futebol, eu acho que a mulher é um furacão, mas eu acho que ela é...ela é...ela é mais...como eu posso explicar? Ela é fortaleza, eu acho que a mulher é uma fortaleza, ela não sucumbe tanto à dor (Alessandra, 38 anos).

Homem, a visão que a gente tem do homem, é o cara que sustenta a casa e a mulher, a mulher submissa porque agora ta mudando esse negócio. Eu sempre tive isso, lá em casa meu pai dizia que ele trabalha, ele se vira e a mulher fica em casa cuidando da família. E da mulher é de cuidar de filho, de filha, de ser sustentada e ser submissa

(Thalita, 21 anos).

Apesar da transição histórica que vem ocorrendo nos últimos anos, é interessante apontar que a fala da Thalita mostra o quanto há um discurso que atravessa ainda as pessoas mais jovens, ou seja, a força da heteronormatividade no reforço dos papéis da mulher. Entretanto, outras apontam criticamente como esse sistema pode ser desconstruído:

[...] se fossem dadas as mesmas chances, as mesmas condições a ambos os sexos, eu acho que a variação ia ser mínima, como eu vejo mínima a variação do clone e mesmo assim na clonagem eles não sabem dizer ao certo se as condições de reprodução fossem exatamente iguais, tudo igual, se não seria igual (Elisa, 22 anos).

Há, portanto, uma multiplicidade de discursos presentes que apontam para uma complexidade histórica descontínua, que atravessa os processos de subjetivação na atualidade. As mudanças sociais e culturais invadem o cotidiano do ser humano, da mesma forma que as determinações estabelecidas há séculos, uma vez que está presente em suas atitudes e pensamentos em relação a sua realidade subjetiva e social, constituindo estilos de ser e agir. Da mesma forma, é tradicional pensar que a maternidade vem de uma “essência” feminina, é subversivo uma lésbica engravidar, um casal gay querer adotar uma criança querendo exercer a paternidade, ou mesmo um homem heterossexual ser sensível e delicado, reproduzindo características socialmente estabelecidas como femininas. É formado um emaranhado de linhas de subjetivação que segue direções que às vezes se aproximam, às vezes se contrariam, assim como evidencia Foucault:

Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (...) Os discursos, como os silêncios, nem sempre são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)continuidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 1988, p. 96).

Há, no mundo atual, uma multiplicidade de discursos e referências que vêm possibilitando a mulher ocupar diferentes posicionamentos com relação ao prazer e espaços de visibilidade, contrariando a histórica demarcação de poderes e espaços de pertencimentos entre homens e mulheres. Segundo Senett (1988), a partir do século XVII, o termo 'público' passou a significar estar aberto ao coletivo, enquanto 'privado' remetia ao ambiente protegido e recluso à família e aos amigos. Desta forma, se o lar era o espaço do privado, do íntimo e protegido, o trabalho apareceu como uma importante alavanca para o ingresso das mulheres no mundo público.

O compromisso da mulher com o trabalho parece se apresentar como resposta ao desejo de escapar ao aprisionamento da vida doméstica, correlativamente, a uma vontade de abertura para a vida social. Além disso, há que se destacar a possibilidade de se recusar a dependência em relação ao homem enquanto provedor, e o consequente controle delas por eles. São situações que, paralelamente aos posicionamentos relativos ao aborto, à contracepção, à liberdade sexual, às uniões consensuais, aos novos arranjos familiares, à decisão de não ter filhos, aos pedidos de divórcio por iniciativa das mulheres, manifestam a vontade feminina de afirmar-se como protagonista de sua própria história cujos direitos lhe devem ser assegurados.

Nesta perspectiva, podemos compreender que o aumento das relações estáveis entre lésbicas na atualidade, o que era raro em épocas anteriores devido à dependência econômica e financeira da mulher em relação aos homens, tem ganhado visibilidade (CASTAÑEDA, 2007). Entretanto, tal como coloca Castañeda (2007), são muitas as dificuldades assumidas por duas mulheres que resolvem se desvincular das regras sociais assumindo uma relação conjugal, principalmente porque são torneadas de preconceitos ainda muito disseminados. Economicamente, o casal lésbico é, dentre os três tipos de casais (heterossexual, homossexual masculino e feminino), aquele que tem o nível de vida menos elevado, devido à diferença de salários ganhos comparativamente ao trabalho exercido pelo homem.

Além disso, conforme apontam alguns autores (DONZELOT, 1986), (BADINTER, 1985) e (WEEKS, 1999), as configurações e os papéis atribuídos aos

sexos e gêneros vêm mudando de acordo com as transformações sociais, históricas e culturais, sendo acompanhadas por transcorrências também no campo das subjetividades e processos identificatórios, fatos que podem ser ilustrados por meio da explosão dos movimentos sociais e políticos emergentes durante a década de sessenta.

Todas essas mudanças são atravessadas por processos de produção de subjetividades na contemporaneidade, possibilitando uma multiplicidade de vivências e perspectivas, que ora reificam os costumes, ora subvertem a ordem, dando passagem para novas estéticas, estilos e criações, inclusive no que diz respeito às características e papéis relacionados às masculinidades e feminilidades (CASTAÑEDA, 2007).

'Eu Prefiro Ser Essa Metamorfose Ambulante Do Que Ter Aquela Velha Opinião Formada Sobre Tudo'¹⁰: Invisibilidade, Direitos e Busca por Emancipação

Ao longo da história, por diversos momentos, a mulher teve sua condição de cidadã e a autonomia de sua sexualidade negada. A restrição das mulheres ao mundo privado reflete-se nas relações lésbicas, quando se fala de sua invisibilidade no espaço público, o que vem se alterando perceptivelmente nos últimos anos. Percebemos que as lésbicas mais jovens se autorizam mais a ocupar a esfera social pública e assumir sua sexualidade publicamente, como diz Elisa, de 22 anos: “[...] a mulher, por conta de todas as dificuldades que desde cedo ela tem que enfrentar, que é colocado pra ela, ela pode se encasular muito por ter pouco espaço ou ela consegue virar e ficar mais versátil perante a vida, perante as atitudes.”; e Sofia, de 24 anos: “E depois disso, sabe eu não parei mais de ficar com mulher e me sinto melhor assim. E eu gosto de falar para as pessoas que eu sou assim, sabe, não tenho grilo nenhum”.

[...] quando eu era mais nova eu fazia questão de esconder. Hoje em dia, não que eu escancare pra uma pessoa que tem preconceito, mas eu também eu não me escondo. Eu não faço nada, pra, vamos supor, eu não vou beijar, paquerar um rapaz pra dizer que sou hétero, pra esconder por vergonha. Eu fico na minha, mas se a pessoa perceber, chegar e perguntar, eu vou abrir o jogo (Thaís, 26 anos).

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

Em contrapartida, a fala, a seguir, de uma lésbica de 44 anos, demonstra as dificuldades de dar visibilidade às suas práticas homoeróticas:

Acho que tudo é uma questão de opção. Acho que você pode fazer tudo, você pode beijar no meio da rua. Só que, diante da sua atitude, há, muitas vezes, uma reação das pessoas que você não sabe qual é. Então, muitas vezes, quando você quer dançar juntinho, fica junto, você acaba indo para lugares específicos, lugares de gays e, não todo lugar que tem. Então, tem essas coisas que são chatas. Acho foda eu não poder ter a ação do clube junto, a Unimed junto, plano de saúde, né? Enfim, todas essas questões que te limitam no cotidiano, isso faz com que, às vezes, você se feche em um grupo, que tenha um grupo de amigos fechado e saia mais com esse grupo, ou acabe se reunindo em casa. Então, eu acho que você acaba criando alternativas, embora eu faça uma série de outras coisas, eu vá ao cinema, eu vá a shows. Mas, em alguns momentos, você vai se fechando em um círculo para que você possa pegar na mão, beijar, essas coisas que normalmente as pessoas fazem na rua, né? (Ana, 44 anos).

Entretanto, o contexto heteronormativo apresentado veio se alterando, nas últimas décadas. Na década de 60, movimentos sociais ditos subversivos trouxeram a oportunidade de ampliar as discussões sobre a sexualidade humana. Avançando para a década de 70, segundo Castells (1999), no movimento feminista propunha-se estudar as questões de gênero contemplando a história e organização das mulheres em busca da sua emancipação. A partir disso, houve uma reação à discriminação sexual e à dominação masculina, (re)definindo da identidade da mulher. Nesse sentido, o feminismo ressalta a igualdade de direitos entre homens e mulheres, salientando assim, que as diferenças biológicas não podem se apresentar como justificativa para desqualificar a posição social da mulher.

Katz (1996) frisa que as feministas lésbicas contribuíram para a análise do arranjo social da heterossexualidade (embora isso não fosse obra exclusivamente das lésbicas). As lésbicas radicais contestaram a ordem sexual, questionando a divisão do mundo em mulheres, homens, lésbicas e gays, homo e hêteros, sugerindo o fim da sua própria categoria e a dos heterossexuais, desencadeando uma crítica feroz

ao pensamento abaixo:

Isso quer dizer que uma mulher de verdade depende de um homem. A que não depende de um homem não é uma mulher de verdade. Incluir-se em outra categoria, a das lésbicas, é alguém diferente de uma mulher. (...) Segundo esse modo de pensar, ser uma mulher é ter relações sexuais com os homens (KATZ, 1996, p.146)

A crítica das lésbicas feministas era que as sexualidades, no caso a feminina, não eram de maneira alguma naturais ou necessariamente ligadas ao pênis ou à penetração peniana. Passou-se a compreender a heterossexualidade como uma instituição, agindo em benefício dos homens. A natureza institucional da heterossexualidade compulsória (RICH, 1986) sugeria que as mulheres apenas vivenciassem a heterossexualidade, mas na verdade, eram condicionadas/pressionadas a fazê-lo, uma vez que a ideologia do poder dominante não possibilitava pensar em novas configurações de sexo (e gênero) e em ordens eróticas alternativas. A ideologia heterossexual era um apoio à supremacia masculina. As lésbicas feministas perceberam que, devido a essas pressões, as lesbianidades eram entendidas como um ato de rebeldia individual, pois contrariavam a norma, sendo descartadas inclusive pelas primeiras teorias feministas.

A fala de Thais mostra como as lésbicas são estigmatizadas pelo estereótipo de masculina, e desacreditadas quando são femininas, quando diz: “*Eu me sinto assim, eu às vezes considero como bem masculina, eu me sinto. Só que eu não me enxergo masculina. O pessoal mesmo, de fora, amigos dizem: Ah, você é feminina, você nem parece que é lésbica*” (Thais, 26 anos). Contudo, seu discurso sugere a arbitrariedade das masculinidades e das feminilidades, na materialidade de seu corpo e, nas performatividades dos gêneros. Os papéis de gênero atribuídos são da ordem das escolhas, das necessidades, muitas vezes das obrigatoriedades sociais.

Os dualismos não se referem mais a unidades e sim a escolhas sucessivas: você é um branco ou um negro, um homem ou uma mulher, um rico ou um pobre etc. [...] Há sempre uma máquina binária que preside distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formadas [...] Assim se constitui uma tal trama que tudo o que não passa pela trama não pode, materialmente,

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

ser ouvido (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 29).

Os movimentos organizados de mulheres, declaram que as práticas humanas devem refletir suas fontes de realização, seja na vida sexual, social, familiar e trabalhista. Ainda, salientam que a mulher contemporânea pode não ter abandonado os desejos de ser mãe, esposa e de ter uma casa, no entanto, esta agregou uma infinidade de maneiras de apresentar-se no mundo, tais como se destacar no trabalho, assim como de vivenciar sua feminilidade ou sua masculinidade, enfim, expressar sua sexualidade de forma legítima.

Conclusão

Ao comentarem sobre o que consideram questões específicas de homens e de mulheres, as lésbicas mais velhas entrevistadas apontaram, em algumas falas, as delimitações, historicamente estabelecidas, de espaços de pertencimento e funções sociais distintas entre homens e mulheres; enquanto as mais jovens apresentavam, em geral, um discurso transitório e, em alguns momentos, críticos em relação às normas sociais preestabelecidas para homens e mulheres.

Segundo Deleuze e Guattari (DELEUZE & PARNET, 1998), os sujeitos são segmentados binariamente (homem e mulher, adulto e criança, etc.), linearmente (a escola, depois a faculdade, depois o trabalho, etc.) e circularmente (as ocupações do bairro, depois da cidade, depois do país, depois do mundo, etc.), seja em um plano macropolítico ou micropolítico¹, mas sempre segmentarizados. Estes fragmentos são criações que não só enrijecem, mas também tranquilizam e oferecem conforto. A partir disso, podemos inferir que a medida da tranquilidade é o tamanho do aprisionamento. A tranquilidade dissipa quando o mundo deixa de ter uma verdade (por exemplo, o rígido sistema de sexo/gênero/desejo/práticas sexuais) e passa a ter multiplicidades de existências.

As produções sociais de valores e conceitos, sobretudo de saber, relativo às masculinidades, feminilidades e lesbianidades são jogos ou relações de poder e contrapoder, ou seja, constituem-se para se desconstituir. Por isso ficaram tão evidentes as características de transitoriedade e materialidade nas formações discursivas das entrevistadas. Sendo assim, entendemos que as masculinidades e as feminilidades nas lesbianidades são componentes que se revezam em relações marcadas por jogos de poder e, contrapoder cuja potência sinaliza repetições e resistências nos processos de subjetivação. Em outras palavras, ora os

discursos parecem reproduzir as normas ora parecem subversivos, mas jamais podem deixar de serem considerados enquanto estratégicos, pois inegavelmente compõem as relações cuja dinâmica parece ser esta.

É provável que a luta entre os gêneros continue enquanto existir uma política das relações, baseada em estratificações e binarismos. A luta por poderes e saberes existirá enquanto não houver uma conscientização no plano micropolítico, ou seja, enquanto não se percebe que somos parte das estratégias e discursos que reificam as normatizações. As mudanças serão efetivas apenas quando todos se implicarem efetivamente no processo, evidenciando a complexidade das relações. Uma entrevistada conclui para nós, mostrando como essas categorias de gênero podem ser arbitrarias: *“Um homem pode ser muito mais que isso quando ele se coloca pra pensar e se questionar até o quanto ele é aquilo o que dizem que ele deve ser. O homem pode ser crítico, tirando o social, que ele pode ser como uma mulher”* (Elisa, 22 anos).

¹ O que chamamos de vivenciar as lesbianidades está relacionado ao entendimento desse termo como um universo de vivências (relativas à orientação sexual e identidade política, sexual e de gênero) de mulheres que se assumem como lésbicas ou outros termos êmicos relacionados a essa vivência, bem como a qualquer mulher com relações/práticas/sentimentos homoeróticos e que se sentem subjetivamente nesse lugar da diferença, seja no desejo por, na prática com, ou no sentimento homoerótico por outra mulher, em todos esses âmbitos ou apenas um ou dois deles, indo além do conceito de identidade (TOLEDO, 2008, p. 11).

² Ver Facchini, Regina; Simões, Júlio Assis. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

³ O critério de seleção das participantes para a entrevista se deu a partir dos pressupostos da autodenominação como lésbica. Em relação aos aspectos éticos, nenhuma entrevista foi nominal, de forma que não se poderá identificar a fonte pessoal das informações nelas contidas. Todos os nomes utilizados são fictícios. As participantes foram notificadas que a participação na entrevista não era obrigatória e que poderiam retirar-se desta no momento em que desejassem. Todas receberam um termo de consentimento livre e esclarecido, bem como a explicitação do sigilo e dos aspectos éticos de acordo

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

com a resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

⁴ Sobre dispositivo, Foucault (1979, p. 244-246) diz: “[...] através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos [...] é isto um dispositivo: estratégias de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.”

⁵ Trecho tirado da música “Pagu” composta por Rita Lee e Zélia Duncan.

⁶ “Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2004, p 7-8).

⁷ Trecho retirado da música ‘O Pulso’, composta por Arnaldo Antunes.

⁸ Trecho retirado da música “Família”, composta por Arnaldo Antunes e Toni Bellotto.

⁹ Logicamente, há registros de que as práticas homoeróticas ocorreram em outros períodos históricos e sociedades, contudo, a “categoria”, “identidade” homossexual é uma produção discursiva recente.

¹⁰ Trecho retirado da música “Metamorfose Ambulante”, composta por Raul Seixas.

¹¹ Plano macropolítico se refere ao plano das representações e plano micropolítico ao plano das sensações, como explica Rolnik: “Macro é a política do plano concluído pela terceira linha, plano dos territórios: mapa (...) O mapa cobre o visível. Aliás, de todo o processo de produção do desejo, só nesse plano há visibilidade (...) Também só nesse plano é que a individuação forma unidades e a multiplicidade, totalizações. (...) a segmentação operada por essa linha dura vai recortando sujeitos, definidos por oposições binárias do tipo homem /mulher, burguês / proletário, jovem / velho, branco / negro..., (...) evolui segundo um plano de organização previsível e controlado, um programa (...) Micro é a política do plano gerado na primeira linha: cartografia. (...) não há unidades. Há apenas intensidades, com sua longitude e sua latitude;

lista de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo” (ROLNIK, 1989, p. 59-60).

Referências

ADELMAN, Miriam. Sexo, gênero, sujeito: uma entrevista com Alain Touraine. **Revista de Sociologia e Política**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n. 23, 169-174, nov. 2004.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. London: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001. 151-172.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade. A Era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Edição Graal. 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1971.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 243 - 276.

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima, Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres

Territórios, Gerações e Cultura: (Des)contituidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RICH, Adrienne. Heterossexualidad obligatoria y existencia lesbiana, 1980. In: RICH, Adrienne. **Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985.** Icaria: Barcelona, 1986, p. 41-86.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros. **Trans – Arts Cultures Media**, nº 3. New York: Passim, inc. 1996. Disponível em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/genero.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2007.

SENETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Sérgio Gomes da. O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Centro de Educação do Campus da Universidade Federal da Paraíba**, João Pessoa-PB, p. 70-85, 1999. Disponível em: <http://www.espdh.hpg.ig.com.br/texto30.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2007.

SOUZA, Marcelo Lopez de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná et all (orgs). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15 - 47.

TOLEDO, Livia Gonçalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista.** 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia), Universidade Estadual Paulista, Assis-SP.

Recebido em 07 de julho de 2010.
Aceito em 07 de fevereiro de 2011.

Flavia Fernandes Carvalhaes, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marli Machado Lima,
Livia Gonsalves Toledo, Roberta Duarte Manhas e William Siqueira Peres